



Panmela Castro

Lady Grinning Soul (2009)

Exterior. Dia. Uma ferrovia rodeada por mato alto. Aos poucos, entra em foco uma mulher negra de costas, à frente do que parece ser o final da composição de um trem. Seu cabelo é castanho claro, talvez loiro, comprido até o topo do seu dorso. Ela usa um vestido amarelo com babados no decote, uma bolsa a tiracolo de alça fina e tem uma grande flor cor-de-rosa no cabelo. Espreitando-se por detrás do vagão, ela parece procurar o melhor momento para, rapidamente, sair do abrigo. Na mão direita, empunha uma lata de tinta spray. Arpejos exagerados no piano soam em um crescendo: o começo de Lady Grinning Soul.

A música de David Bowie entoa e empresta seu título para este que é o primeiro trabalho em vídeo de Panmela Castro, e o sétimo a integrar o programa Like a Virgin: o primeiro vídeo a gente nunca esquece, do Ateliê397. Realizado em 2009, o vídeo de Panmela é uma espécie de elo entre sua atuação como pixadora e na arte contemporânea, à época, campos muito mais separados e, quando interligados, pelo conflito.

Em 2008, um ano antes da finalização de Lady Grinning Soul, um evento que se tornou quase canônico na história da arte brasileira, ocorreu na 28ª Bienal de São Paulo. Um grupo de pessoas foi àquela que ficou conhecida como a bienal do vazio e pixou o guarda-corpo do segundo andar do pavilhão, no qual não havia nenhuma obra exposta, por decisão da curadoria. A polícia militar interveio com a sua violência costumeira. Caroline Pivetta¹, de vulgo Carol Susto's, a única mulher no grupo de mais ou menos quarenta pixadores foi a única pessoa encarcerada pelas ações daquele dia.

A imagem dela sendo levada com truculência por dois policiais, enquanto gritava "Sou pixadora mesmo! Viva a pixação!" rodou pelos telejornais à exaustão. Laura Mulvey argumenta sobre as mecânicas de prazer contidas na mídia mainstream constituída sob o que chamou de male gaze, enquanto outras análises dos arquétipos femininos no audiovisual mostram que o desfecho narrativo mais comum às personagens que desviam à norma, à submissão e à passividade é alguma forma de punição².

Na música, Bowie narra o encontro com uma mulher fugidia como as forças da natureza, de sensualidade hipnotizante, capaz de tomar por completo sua vida. Sedutora e incontrolável, ela desperta desejo e impotência no homem que a descreve. Diagnóstico: Femme Fatale. É preciso admitir o que aparece de ridículo e engraçado na música descrita com um pouco de calma e, portanto, descontextualizada e desnaturalizada.

Em seu Lady Grinning Soul, Panmela Castro lança mão do máximo que o Windows Movie Maker podia oferecer para aplicar efeitos que dão um aspecto etéreo, onírico e antigo ao ambiente onde se desenrolam suas ações.

¹ Após a prisão, Caroline Pivetta foi entrevistada por inúmeros veículos de imprensa e, mais uma vez, sofreu com um machismo que buscava desqualificá-la. Muitos documentários também tematizaram sua história, com destaque para "Pivetta" (2021), que a acompanhava pós-maternidade. Em 2023, lamentavelmente, Caroline faleceu vítima de suicídio, fato atribuído por alguns como decorrência do assédio midiático, exploração de sua imagem e sequente abandono, como me contou Panmela.

Nessa mesma conversa, Panmela me apontou a complexidade de manter a menção à Caroline no texto, dado ao meu pouco conhecimento de sua história pessoal, das circunstâncias de sua morte e o risco de repetir uma exploração do seu nome e imagem. Assim, quando opto por manter essa menção no texto, tento sublinhar o machismo estrutural que condenou apenas ela ao regime fechado entre todos os detidos e condenados à época, assim como o uso e repetição de sua imagem pela mídia, levando em conta as ideias de Mulvey, Doane e Saidiya Hartman. Minha outra intenção é explorar um reenquadramento da história da arte brasileira recente, destacando a pixação na Bienal como um evento incontornável para um debate sobre mudanças na arte contemporânea e suas instituições, o que, para mim, torna necessário destacar a contribuição de mulheres nesse episódio.

Com essa decisão, espero, ainda, contribuir para um debate público que possa movimentar alguma reparação do apagamento e violência que envolvem essa história.

² Laura Mulvey, *Visual Pleasure And Narrative Cinema*, 1975, e Mary Ann Doane, *Femmes Fatales: Feminism, Film Theory, Psychoanalysis*. New York: Routledge, 1991.

Sob a vinheta esbranquiçada e as marcas virtuais de um filme projetado na tela de um cinema, ela se embrenha pelo mato e escala os vagões cargueiros para deixar sua tag, Anarkia. Quando termina os movimentos que formam as letras de sua marca, ela se vira para a câmera, sorri e, por trás dos óculos escuros, supomos, nos olha. Seguem-se cenas dos trens em movimento e de Panmela posando na frente de uma locomotiva e na escada de um dos carros. Há um desencontro entre a personagem, seu figurino, o cenário onde está e as suas ações. O maquinário pesado, o pixo e o espaço externo de modo geral, são historicamente dominados pela masculinidade.

Mais do que pela simples oposição entre “feminino” e “masculino”, a ironia e o estranhamento causado pelo vídeo estão no que, com ajuda dos efeitos visuais, aparece claramente como deslocado, exagerado e artificial. Essa dupla performance, das ações registradas e a de uma feminilidade, desnatura também os papéis de gênero, aquilo mesmo que se apresenta, à primeira vista, como contradição na imagem —revelando o que há de engraçado ou descabido nesses papéis. Uma estratégia que permanece parte da sua prática.

Conheci o trabalho de Panmela Castro por meio de registros de suas performances em que caminhava com vestidos pink de caudas longuíssimas. Um exagero que dificulta e pesa o caminhar e me faz pensar nos impedimentos impostos sobre os corpos das mulheres, sobre a postura submissa que lhes é esperada e sobre a vulnerabilidade e violência às quais são sujeitas. Por outro lado, não é apenas um rechaço daquilo associado ao feminino. Enquanto a crítica se dirige ao aspecto estrutural da violência de gênero, sua obra — incluindo este vídeo — fala de um lugar complexo e íntimo, sobre a constituição de uma subjetividade: sonhos, desejos, sentir-se bem.

Em uma de nossas conversas, Panmela comentou sobre como, quando estava ativa no pixo, passou a se vestir e falar de forma mais masculina, se aproximando dos pares do grupo, a maioria homens. São recorrentes as histórias de mulheres que, ao ocupar espaços em campos dominados por homens, precisam se “masculinizar”. Vejo neste vídeo algo sobre esse entrelaçamento complexo de se afirmar mulher em um espaço masculino, no espaço público, e de se ver com os problemas de ser uma mulher negra em uma sociedade que as desumaniza, que as coloca como outro absoluto.

Esse movimento encontra eco, também, no que bell hooks chamou de “olhar oposicional”³. Ao não ser possível se espelhar nos corpos vistos nas telas, as espectadoras negras podem, a partir do não-reconhecimento, desenvolver uma relação crítica com o cinema. Com isso, em Lady Grinning Soul, ao mobilizar arquétipos da representação feminina, a artista coloca em jogo a possibilidade e o prazer de se ver e a problemática de permanentemente ser vista para o prazer alheio.

A mesma Bienal que sofreu intervenções com pixo pretendia discutir a “crise” no modelo da exposição e a colocar “‘em vivo contato’ com a sua história, a sua cidade, os seus pares e o seu tempo”⁴. Essa ambição me remete às discussões sobre arte-vida e alguns trabalhos que experimentam movimentos para “trazer a cidade para o espaço da Arte” e de “levar a Arte para o espaço da cidade”, para o espaço público. Uma vertente da “arte política” muito atrelada a uma ideia, por vezes, idealizada desse espaço público, evidentemente, por ele ser tomado como o local próprio para a realização da política e que se mantém confortável “levando a rua” para os espaços da arte. Essas iniciativas, muitas vezes, me parecem algo insuficientes para responder, com a pretensão política que carregam, às demandas oriundas de problemas de classe e, por consequência, sexualidade, gênero e raça. Nesses casos, me pergunto se não deveríamos optar por uma arte mais de “ação direta”, algo como a dos pixadores.

³ bell hooks, o olhar opositor: mulheres negras espectadoras em Olhares Negros, 2019

⁴ Ivo Mesquita e Nelson Aguilar à Folha de S. Paulo, 01 dez. 2007. em “É positiva a proposta para a 28ª Bienal de SP, que prevê, entre outras coisas, um andar vazio?”

Não sei se por estar acompanhando as polêmicas da bienal ou não, mas me parece que é a partir dessa experiência de arte de “ação-direta” — o pixo e o grafitti voltado à educação e apoio à violência de gênero, que resultou na fundação da Rede NAMI⁵, em 2010 — que Panmela respondeu ao debate. Ao final do vídeo exibido aqui, surgem as frases “vida como arte” e “arte como vida”..

O pixo foi uma das ferramentas pelas quais Panmela retomou a sua vida por, entre outras coisas, oferecer suporte para a sua circulação de modo seguro no espaço público. Em Lady Grinning Soul, a ética do pixo de visibilidade e sustentação do conflito é ferramenta para inscrição do corpo no espaço urbano, simbólica e fisicamente. Essa relação na qual a arte fornece as condições para a vida e a qualificação da vida para quem não a tem como garantia, segue no cerne do trabalho de Panmela.

Suas performances e pinturas, mais recentes, têm o encontro, a agregação, formação de redes e de espaços de sociabilidade para mulheres como ponto de partida. O humor, ainda presente, cria condições para a elaboração e fabulação de temas como a violência de gênero e solidão, mas também de desejo e poder.

Se as imagens geram prazer para quem as vê, em uma sociedade estruturada na violência e na desumanização, a reprodução de imagens da violência, entendidas como imagens de denúncia, parece ter menos potencial de transformação do que aquelas que afirmam e dignificam e as que fabulam outras realidades.

Lucas Goulart, março de 2026

LIKE A VIRGIN: O PRIMEIRO VÍDEO A GENTE NUNCA ESQUECE é o programa que inaugura a Sala de Projetos Especiais da nova sede do Ateliê397. A proposta é mostrar as primeiras obras em vídeo de artistas e coletivos com dez ou mais anos de carreira. E, assim, investigar o início de uma recorrência ou de um desvio nessas trajetórias. Gestos iniciais são muito importantes para o Ateliê397, que se interessa pela experimentação e pela radicalidade nas artes. O primeiro vídeo é formativo para o artista, para o público e para a crítica. Talvez outros o ignorem, mas, aqui, o primeiro vídeo a gente nunca esquece.

LIKE A VIRGIN: O PRIMEIRO VÍDEO A GENTE NUNCA ESQUECE — 21.03 - 23.05.2026

ARTISTA
Panmela Castro

CURADORIA
Lucas Goulart

COMUNICAÇÃO VISUAL
Tattoo de Parede

ATELIÊ397

GESTÃO
Érica Burini, Jeane Gonçalves,
Tania Rivitti, Thais Rivitti

PRODUÇÃO EXECUTIVA
Jeane Gonçalves

DESIGN
Livia Nishibe

⁵ A Rede NAMI é uma organização sem fins lucrativos que tem como objetivo o uso da arte como veículo de transformação social, promovemos os direitos das mulheres, negros, povos originários, pessoas LGBTQIAP+ e pessoas com deficiência.

REALIZAÇÃO



Ateliê 397